

4 Um esboço classificatório dinâmico

O limite entre o que se descreve como estado mental normal e como patológico é tão convencional e tão variável que é provável que cada um de nós o transponha muitas vezes no decurso de um dia.
(Freud, 1906)¹

Um segundo ponto de vista sobre a delimitação do que seja perversão em psicanálise é tomar como operador disso que seria uma verdadeira estrutura clínica o mecanismo da *Verleugnung*.

Uma posição radicalmente oposta à estrutural a este respeito é novamente a de Barande (1980). Valorizando o caráter clínico da psicanálise, este autor estende sua crítica da categoria de perversão a toda entidade diagnóstica:

A mesma chamada de atenção aplicar-se-ia, aliás, aos termos de: neurose, psicose, histeria, etc., de tal forma é manifesto que as preocupações nosográficas são fundamentalmente estranhas ao desenvolvimento psicanalítico logo que este se mantém fiel ao espírito da sua descoberta, o mais próximo possível da experiência clínica, único garante da sua especificidade (Barande, 1980, p. 163).

Isto nos coloca a tarefa de investigar as considerações nosográficas de Freud. Ele parece ficar entre uma visão e outra: deixou alguns esboços de classificação, que Barande interpreta como sendo meras “sistematizações didáticas” (Ibid., p. 163), cujas fronteiras são bastante fluidas e que se organizam em torno de pólos entre os quais não se encontra a ‘perversão’.

No manuscrito, enviado a Ferenczi, *Neuroses de transferência: uma síntese* (1987 [1915a]), que seria o décimo-segundo dos artigos sobre metapsicologia se não tivesse sido abandonado, Freud deixou uma indicação do que poderia ser a classificação diagnóstica relativa ao primeiro dualismo pulsional, pulsões sexuais/pulsões do eu. O autor lista seis afecções divididas em dois grupos: as neuroses de transferência – histeria de angústia; histeria de conversão; neurose obsessiva – e as neuroses narcisistas – demência precoce; paranóia; melancolia-mania (Freud, 1987 [1915a], p. 73). A perversão aparece como um adjetivo, ligado a ‘satisfações’, e sua definição – “que não levam à procriação” (Ibid., p. 76) – nos faz lembrar as ressalvas dos *Três ensaios* sobre a exterioridade de algumas das premissas das quais parte a teorização psicanalítica.

¹ Freud, 1996 [1907 [1906]], p. 47.

Um outro esboço merece um exame bem mais extenso, por delinear o contexto classificatório vigente na época do texto de 1927 sobre o fetichismo, lido hoje como estabelecendo as bases de uma estrutura perversa. Depois da introdução da nova topografia psíquica, em *O ego e o id* (Freud, 1996 [1923b]), esta outra classificação vai se insinuar através de dois textos que são como apêndices do livro de 1923. No primeiro deles, *Neurose e psicose* (Freud, 1996 [1924 [1923]]), Freud situa, desde o título, os dois pólos entre os quais situará conflitos específicos. O pólo neurótico diz respeito a soluções de tensões entre o eu e o isso; o pólo psicótico, entre o eu e o mundo externo.

A hesitação de Freud quanto ao esboço, ao sugerir que a fórmula é, no máximo, uma solução geral e grosseira (Freud, 1996 [1924 [1923]], p. 167), indica que tais pólos são apenas abstrações, e que afecções específicas, mesmo as mais recorrentes e razoavelmente sistematizadas em sua obra – histeria, obsessão, paranóia, melancolia – transitarão na verdade pelo *continuum* entre tais pólos, assim como o que quer que se convençione chamar de normalidade.

É notável, e merece alguma explicação, que a tríade topográfica eu-isso-supereu vá constituir uma nosografia de dois pólos: isto se dá como consequência do caráter híbrido do supereu, que “une em si influências originárias tanto do id quanto do mundo externo” (Ibid., p. 169). Assim, as tensões entre eu e supereu recairão também em pontos do *continuum*, mesmo que Freud faça menção de agrupa-las sob o rótulo de “psiconeuroses narcísicas” (Ibid., p. 170), motivado muito mais por razões lógicas e teóricas do que clínicas. A instância superegóica não chega a motivar de forma decidida este hipotético terceiro pólo diagnóstico.

Vale lembrar a investigação destas tensões que havia empreendido em *O ego e o id*, onde está explícito que “os conflitos entre o ego e o ideal (...) em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno” (Freud, 1996 [1923b], p. 49). Foi ali que diferenciou duas formas de lidar com a culpa – “expressão de uma condenação do ego pela sua instância crítica” (Ibid., p. 63), ou ainda um índice da tensão eu-supereu – que constituem as mesmas e já familiares neurose obsessiva e melancolia, conforme a solução se desse *às expensas* do isso ou do mundo externo, respectivamente.

Em certas formas de neurose obsessiva, o sentimento de culpa é super-ruidoso (...) A análise acaba por demonstrar que o superego está sendo influenciado por processos que permaneceram desconhecidos ao ego. É possível descobrir os impulsos reprimidos que realmente se acham no fundo do sentimento de culpa. Assim, nesse caso, o superego sabia mais do que o ego sobre o id inconsciente. (...) enquanto na melancolia o objeto a que a ira do superego se aplica foi incluído no ego mediante identificação (Ibid., p. 64).

Na neurose obsessiva, pelo “fato de o objeto ter sido retido” (Ibid., p. 66), supõe-se que o que constituiu problema foram os impulsos: a tensão manifesta entre eu e superego remete a uma tensão entre eu e isso. Na melancolia, ao contrário, o objeto foi incluído no eu, o que permitiu que este abandonasse um, supõe-se, problemático investimento no mundo externo: aqui é esse conflito com o exterior que origina a sintomática tensão entre eu e superego. Aliás, Freud indica em *Neurose e psicose* que a melancolia até então não estava separada “das outras psicoses” (Freud, 1996 [1924 [1923]], p. 170).

Um terceiro pólo, portanto, seja ele narcísico ou perverso, tem, até aqui, pouca consistência. O narcisismo como rótulo classificatório é particularmente enigmático, já que todas as tensões que perpassam a nova topografia têm o eu como ponto de referência. Um outro complicador é que este termo havia sido introduzido como consequência de uma dualidade pulsional anterior, que por sua vez motivara, como vimos, uma outra classificação: neuroses de transferência *versus* neuroses narcisistas, e estas últimas comportavam, com exceção talvez da melancolia, as mesmas afecções que vão constituir um pólo próprio no novo esboço classificatório, o da psicose.

Voltemos por um instante a *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 1996 [1914]) a fim de investigarmos mais a fundo a possibilidade deste conceito sustentar uma categoria diagnóstica própria. A digressão nos interessa também, mais especificamente, pela relação, em geral subentendida, mas pouco problematizada, entre perversão e narcisismo. Para Chasseguet-Smirgel (1991), por exemplo, este último é um dos “elementos que nos pareceram dominar a solução perversa” (Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 291), ou, mais claramente, um dos fatores que coexistem “no seio da perversão” (Ibid., p. 18).

A autora serve de exemplo por ser explícita, mas não é exceção: muito freqüentemente é trilhada a série que do narcisismo (e da ‘escolha de objeto narcísico’) leva à homossexualidade e desta à perversão, mas precisamente na

direção oposta à de Freud, que partiu sempre do caricato em direção ao complexo e matizado. Pois bem, o texto freudiano de 1914 sobre o narcisismo localiza, logo de início, as raízes deste termo:

foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades. Desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma *perversão* (Freud, 1996 [1914], p. 81, grifo meu).

O contexto de onde Freud parte, mais uma vez, é o estudo positivista das perversões empreendido pela psiquiatria da segunda metade do século XIX: a referência a Paul Näcke (psiquiatra e criminologista) – ocasionalmente negligenciada, aliás, quando o trecho é citado – esclarece como o recurso ao termo ‘perversão’ deve ser encarado. Novamente, parece servir em grande parte como mera matéria-prima para reflexões amplas acerca do psiquismo humano, constituindo, como sempre, uma espécie de caricatura deixada para trás assim que possível em favor de dinâmicas complexas e generalizadas.

O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva (Ibid., p. 81).

O narcisismo é então plenamente disseminado através do conceito de narcisismo primário: é daí que extrai sua força, que é inversamente proporcional à sua capacidade de delimitar uma entidade diagnóstica específica. Aliás, como perversão, no sentido tradicional, ele é plenamente subvertido, a ponto de tornar o investimento objetal a verdadeira exceção. Até mesmo a supervalorização sexual, até então o maior avatar do amor objetal – “quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal” (Ibid., p. 83) – será tributário do narcisismo: “se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual” (Ibid., p. 95).

Essa supervalorização, “um estigma narcisista no caso da escolha objetal” (Ibid., p. 97), que nos *Três Ensaio*s inaugura a estranha proximidade entre a paixão romântica e as perversões, é agora responsável por fenômenos ainda mais

ordinários, como a “atitude de pais afetuosa para com os filhos, (...) uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo” (Ibid., p. 97).

Por fim, o raciocínio leva Freud a uma conclusão surpreendente: esta inescapável dose de narcisismo que alimenta e sustenta o amor dos pais pelo filho, “sua majestade o bebê” (Ibid., p. 98), é a mesma que sustenta a figura do criminoso:

O narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal. O encanto de uma criança reside em grande medida em seu narcisismo, seu autocontentamento e inacessibilidade, assim como também o encanto de certos animais que parecem não se preocupar conosco, tais como os gatos e os grandes animais carniceiros. Realmente, mesmo os grandes criminosos e os humoristas, conforme representados na literatura, atraem nosso interesse pela coerência narcisista com que conseguem afastar do ego qualquer coisa que o diminua (Ibid., p. 95-96).

Perguntemo-nos, enfim, se este “narcisismo de outra pessoa” não é alimentado, em grande parte, pelo encanto que lhe é dirigido: Freud não parece estar tentando inaugurar a psicologia dos “grandes animais carniceiros” com base no conceito de narcisismo, mas sim elucidar os mecanismos narcísicos, tão cotidianos, que fundamentam nossos investimentos objetais. É, pois, do lado do objeto, como coadjuvantes, que surgem as figuras da criança, do animal e... do perverso oitocentista, essencialmente criminoso.

É bom lembrar ainda que o último coadjuvante nesta série imaginária é o próprio analista. Uma das conclusões do texto de 1914 é que amar “o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal” (Ibid., p. 107) é amar “segundo o tipo narcisista de escolha objetal” (Ibid., p. 107). Esse expediente, fundamentalmente narcísico, é, no entanto, “de especial importância para o neurótico” (Ibid., p. 107), que “em geral traz para o tratamento expectativas dessa espécie, dirigindo-as à pessoa do médico” (Ibid., p. 107).

Parece então que, descontados os estereotipados coadjuvantes das fantasias neuróticas, os expedientes narcísicos disseminam-se pelo *continuum* neurose-
psicose, tendo seu ápice de explicitação certamente não em um terceiro pólo, mas talvez no represamento libidinal e conseqüente desligamento do mundo externo típico do campo psicótico.

É assim, como o narcisismo, que aparecem em *Neurose e psicose* outros expedientes, ainda em caráter de suposição, que só aparentemente constituem exceções ao *continuum*. “Seria desejável saber”, escreve Freud, “em que circunstâncias e por que meios o ego pode ter êxito em emergir de tais conflitos, que certamente estão sempre presentes, sem cair enfermo” (Freud, 1996 [1924 [1923]], p. 170). É a partir desta busca pela saúde que surgem, ao invés disso, determinadas estratégias do eu: este evitará “uma ruptura em qualquer direção deformando-se, submetendo-se a usurpações em sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio” (Ibid., p. 170). Freud está esboçando um caminho para pensar as “perversões sexuais” no mesmo nível que meras “incoerências” ou “excentricidades” (Ibid., p. 170): expedientes para evitar rupturas em direção a um dos pólos do *continuum*, entre os quais se situe inclusive o que quer que passe como normalidade. Formas intermediárias, digamos, de mal-estar.

Esta gama de soluções (deformações e clivagens) é, na verdade, bastante comum: dificilmente pode ser segregada do modo de funcionamento ordinário do eu. Em *O ego e o id*, Freud havia escrito:

Sempre que possível, [o eu] tenta permanecer em bons termos com o id; veste as ordens *Ics.* do id com suas racionalizações *Pcs.*; finge que o id está mostrando obediência às admoções da realidade, mesmo quando, de fato, aquele permanece obstinado e inflexível; disfarça os conflitos do id com a realidade e, se possível, também os seus conflitos com o superego. Em sua posição a meio caminho entre o id e a realidade, muito freqüentemente se rende à tentação de tornar-se sicofanta, oportunista e mentiroso, tal como um político que percebe a verdade, mas deseja manter seu lugar no favor do povo (Freud, 1996 [1923b], p. 68-69).

Se mentira, oportunismo, incoerência, excentricidade são manifestações ocasionais de deformações e clivagens, são também vicissitudes inescapáveis: decorrem da posição mesma do eu na nova topografia.

No segundo “apêndice” de *O ego e o id*, intitulado *A perda da realidade na neurose e na psicose* (Freud, 1996 [1924c]), o autor, em conformidade com esta linha de raciocínio, vai discutir a própria distinção qualitativa entre neurose e psicose.

Fica ainda mais claro, aqui, que são pólos de um *continuum* e, enquanto tal, meras abstrações: quanto mais as “neuroses” e “psicoses” tornam-se corporificadas e singularizadas, ou seja, quanto mais nos aproximamos da clínica,

mais dificuldades encontramos para traçar distinções definitivas entre elas. A neurose, por exemplo, – e este é o argumento central do texto – não está isenta de conflitos com a realidade:

A distinção nítida entre neurose e psicose, contudo, é enfraquecida pela circunstância de que também na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo. Isso é possibilitado pela existência de um mundo de fantasia, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade (Freud, 1996 [1924c], p. 208).

Na medida em que se misturam – em relação a quanto “perdem” da realidade, por exemplo – os pólos deixam para trás, em seu lugar, instâncias mais gerais: “tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo” (Ibid., p. 206). Em termos de forças, os pólos tornam-se algo como desejo e frustração (ou, melhor ainda, censura, como frustração internalizada), e este conflito vai permear *todas* as soluções intermediárias, particulares, apenas precariamente recortadas e agrupadas sob os termos neurose e psicose.

Estas soluções, distribuídas pelo *continuum*, ganham também temporalidade quando Freud começa a pensar sobre as ‘etapas’ tanto da neurose quanto da psicose. Traçando uma distinção entre o “começo da neurose” (Ibid., p. 205) e seus desdobramentos, e estendendo o raciocínio à psicose, abre caminho para uma mobilidade e um dinamismo muito maior em sua classificação (se é que o termo ainda se aplica, a esta altura). Uma primeira etapa da psicose, por exemplo, “arrastaria o ego para longe [...] da realidade” (Ibid., p. 206), mas seria sucedida por uma fase oposta, de recuperação da realidade, mesmo que pela via autocrática do delírio. Trata-se agora de um raciocínio por “processos” que são “acionados” e levados a cabo “contra forças que se lhe opõem violentamente” (Ibid., p. 207).

O novo esboço, portanto, estabelece um cenário constituído por um jogo de forças que leva em conta a contingência e a temporalidade dos processos em ação. Mecanismos defensivos variados operam, em toda a extensão do *continuum*, em resposta a uma pulsão que em determinado momento “faz uma arremetida para a frente” (Ibid., p. 207) ou a um fragmento de realidade que “se impõe à mente” (Ibid., p. 208). Qualquer solução, compromisso, desfecho “constitui apenas uma conciliação e não proporciona satisfação completa” (Ibid., p. 207). Passamos de

entidades diagnósticas estáticas e exclusivas em determinado indivíduo a soluções temporárias, dinâmicas, complexas, que não são mutuamente exclusivas e que, a princípio, são possíveis em qualquer indivíduo particular.

Uma destas soluções, finalmente, é, na linguagem das perversões, o fetichismo.

O fetichismo e o texto freudiano a ele dedicado tornaram-se o principal ponto de ancoragem de grande parte do discurso psicanalítico dedicado ao campo da perversão. Chasseguet-Smirgel (1991) sugere que a partir de 1927

O fetichismo tornar-se-á o modelo das perversões, enquanto possui os mecanismos adequados a nos fazer entender a especificidade do modo de relação do perverso com a realidade (Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 42).

Helsing (1996), da mesma forma, escreve que

Com este artigo de 1927, Freud nos proporcionou através de seu vasto percurso teórico e clínico as bases fundamentais para os protótipos da estrutura perversa, centrando-a no complexo edípico, tendo a recusa da castração e a eleição do objeto fetiche como alicerces conceituais patognomônicos da perversão propriamente dita (Helsing, 1996, p. 99).

Valas (1990), por sua vez, acrescenta:

Esse texto, publicado em 1927, apresenta-se em sua elaboração como uma porta de entrada necessária ao estudo das perversões no campo freudiano (...). É como uma forma de acabamento de todos os trabalhos que consagrou ao problema das perversões, de sorte que o fetichismo se apresenta bem como sinal de orientação para que se observe o extraordinário polimorfismo das manifestações perversas. A perversão, com efeito, deve ser distinta em sua estrutura própria (...). [O fetichismo] se apresenta como uma espécie de modelo geral, por seus elementos invariantes; pode-se, portanto, demarcá-lo como uma estrutura (Valas, 1990, p. 88-89).

É possível, no entanto, que estas leituras percorram Freud precisamente em reverso. A partir do artigo de 1927, *Fetichismo*, buscam re-instaurar delimitações precisas entre perversão e normalidade, fazendo a especificidade do fetichismo estender-se apenas o suficiente para tornar-se sinônimo de perversão e agrupar sob o termo novamente todo o catálogo comportamental de desvios da genitalidade. Como lembra Rudge, “se o método psicanalítico nos autoriza a propor uma nosografia, certamente esta não será como a da psiquiatria, que se apóia

fundamentalmente na observação e classificação do comportamento” (Rudge, 2004).

Vale lembrar, em primeiro lugar, que o fetichismo, ainda em 1906, havia sido citado em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (Freud, 1996 [1907 [1906]]), onde o autor empreende uma bela análise de um personagem da ficção, Norbert Hanold, que de uma paixão por uma escultura desenvolve “subitamente um vivíssimo interesse pelos pés e pelo andar das mulheres” (Freud, 1996 [1907 [1906]], p. 49) e um “delírio *histérico*” (Ibid., p. 48, nota 1). Mesmo levando em conta as grandes ressalvas que deve carregar consigo a análise de uma personagem ficcional, encontramos aqui duas considerações nosográficas decididamente críticas que, se colocadas como um preâmbulo ao texto de 1927, problematizam um pouco a reificação do fetichismo em uma estrutura diagnóstica ‘perversa’.

A primeira indica um decidido afastamento de critérios comportamentais, objetivos, que Freud insinua serem “grosseiros”:

Um psiquiatra talvez incluisse o delírio de Norbert Hanold no vasto grupo da “paranóia”, classificando-o provavelmente como “erotomania fetichista”, já que seu traço mais saliente era uma paixão por uma escultura, e aos olhos desse psiquiatra, que tende a ver tudo pelo prisma mais grosseiro, o interesse do jovem arqueólogo por pés e posições de pés inevitavelmente passaria por “fetichismo” (Ibid., p. 48).

Em sua segunda consideração Freud nos lembra o porquê de abandonar critérios “grosseiros” em direção a um saber clínico, a psicanálise: mais (ou menos) que um diagnóstico, a “*má reputação* de ser um fetichista de pés” (Ibid., p. 49, grifo meu), ou a qualificação de ‘degenerado’, ambos parte do espectro da perversão em sua origem, dificultam

a “empatia”; o diagnóstico de *dégénéré*, certo ou errado, colocaria uma barreira entre o arqueólogo e nós, leitores, que somos pessoas normais, o tipo padrão da humanidade (Ibid., p. 48).

A partir destas considerações, minha intenção é ler no texto de 1927 uma complexificação do fetichismo, originalmente capturado pelo ‘selo da perversão’, que permitirá uma privilegiada abertura para a metapsicologia em direção a

mecanismos e conceitos propriamente analíticos: a *Verleugnung* como mecanismo disseminado e a divisão do eu como fato constitutivo do psiquismo.

É fundamental notar, por exemplo, que no controverso texto dedicado ao fetichismo não aparecem, uma vez sequer, nem o termo ‘perversão’ nem qualquer de seus derivados. É um dado ainda mais importante pelo fato de Freud fazer explícitas referências a seu recente esboço classificatório. De fato, o que constitui um tema (e um problema) para Freud sob este prisma é antes a relação entre o mecanismo que chama de *Verleugnung* e o campo das chamadas psicose.

O termo *Verleugnung* vem sendo traduzido de muitas maneiras diferentes – rejeição, recusa, desmentido, negação, denegação, renegação –, o que acredito refletir justamente sua pluralidade de usos e contextos na própria obra freudiana. A tradução inglesa vigente – rejeição –, assim como a escolha por ‘recusa’ (em menor extensão), parecem enfatizar uma relação direta entre *Verleugnung* e psicose, algo que vinha sendo construído por Freud explicitamente até 1927, e que não deixa de aparecer ainda em textos bem posteriores, como *Construções em análise* (Freud, 1996 [1936]).

Em *A organização genital infantil* (Freud, 1996 [1923a]), o termo aparece através da forma afim *leugnen*, ainda casualmente, não constituindo propriamente um conceito. No entanto, já é convocado desde então para denotar uma reação a um fragmento de realidade que se impõe à mente – a diferença sexual – e que estabelece um conflito. A *Verleugnung*, portanto, desdobra-se imediatamente em prejuízos perceptuais:

A criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão comum a todas as criaturas que a ela se assemelham (...). Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam [*leugnen*] o fato e acreditam que elas *realmente*, ainda assim, vêem um pênis (Freud, 1996 [1923a], p. 159).

No mesmo ano Freud terminava *Neurose e psicose* perguntando “qual pode ser o mecanismo, análogo à repressão, por cujo intermédio o ego se desliga do mundo externo” (Freud, 1996 [1924 [1923]], p.171). No ano seguinte, em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, decide usar ‘*Verleugnung*’ para ocupar este lugar, mas ao mesmo tempo também como sinônimo de recalque, num exemplo bastante conhecido, mas que teve uma tradução particularmente infeliz, já que encobria esta sutileza, forçando uma distinção onde não havia:

a paciente, uma jovem, estava enamorada do cunhado. De pé ao lado do leito de morte da irmã, ela ficou horrorizada de ter o pensamento: ‘Agora ele está livre e pode casar comigo.’ Essa cena foi instantaneamente esquecida e assim o processo de regressão, que conduziu a seus sofrimentos histéricos, foi acionado. Exatamente nesse caso é, ademais, instrutivo aprender ao longo de que via a neurose tentou solucionar o conflito. Ela se afastou do valor da mudança que ocorrera na realidade, reprimindo [*verleugnem*] a exigência instintual que havia surgido — isto é, seu amor pelo cunhado. A reação *psicótica* teria sido uma rejeição [*verleugnen*] do fato da morte da irmã (Freud, 1996 [1924c], p. 206).

Eis um esboço da *Verleugnung* como mecanismo psíquico básico, que se desdobra em soluções “neuróticas” ou “psicóticas” conforme atue sobre uma exigência pulsional ou um dado da realidade.

Em 1925, finalmente, em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Freud, 1996 [1925a]), a *Verleugnung* é retomada — novamente em relação à diferença sexual — decididamente para ocupar o lugar de mecanismo próprio ao campo da psicose:

pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de chamar de ‘rejeição’ [*Verleugnung*], processo que, na vida mental das crianças, não aparece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose. Assim, uma menina pode recusar [*verweigert*] o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que *realmente* possui um pênis e subseqüentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem (Freud, 1996 [1925a], p. 281-282).

Na parte final deste último trecho, no entanto, percebe-se que o que é negado não é exatamente o mundo externo, mas “o fato de ser castrada”, um fragmento de realidade — a diferença sexual — já permeado por uma determinada significação — a castração. É a significação, e não a percepção, a causa do conflito. Portanto, a *Verleugnung* demonstra, ao mesmo tempo em que oculta, a existência psíquica desta interpretação específica — fálica — do mundo externo. Esta parcela de ambigüidade, enfatizada, a meu ver, quando se traduz o termo por ‘desmentido’, inaugura a conotação que será valorizada em *Fetichismo* (Freud, 1996 [1927a]).

É conveniente considerar, ainda, que o artigo imediatamente precedente a este é *A negativa* (Freud, 1996 [1925b]), ou *Die Verneinung*, que explorava também o tema da ambigüidade, pelo ângulo do discurso. O mecanismo da negativa parece bem próximo da *Verleugnung*, antes de tudo semanticamente. Uma nota de rodapé do editor inglês explica que para traduzir *Verneinung* teve que recorrer a *negation*, um termo menos usual do que *denial*, justamente por este

último ter sido usado “no passado” para traduzir... *Verleugnung*. Em português, aliás, a situação se agrava: traduz-se tanto *to negate* quanto *to deny* por ‘negar’.

Mas a semelhança vai além da semântica. O primeiro exemplo de negativa que Freud apresenta é um analisando dizendo “agora o senhor vai pensar que quero dizer algo insultante, mas realmente não tenho essa intenção” (Freud, 1996 [1925b], p. 265). Este enunciado, que é manifestamente uma negativa, será logo em seguida denunciado como portador também de uma espécie de confissão: “compreendemos que isso é um repúdio, por projeção, de uma idéia que acaba de ocorrer” (Ibid., p. 265). A negativa, enfim, carrega consigo uma afirmação velada, ou melhor, uma aquiescência.

Até onde vai a semelhança ou, por outro lado, se a especificidade de cada mecanismo é suficiente para justificar distinções diagnósticas (e entre quais entidades clínicas) é difícil decidir, mas parece ser o reconhecimento desta mesma parcela de aquiescência também na *Verleugnung* o que motivará o artigo de 1927. Não se trata apenas de negar a castração, mas também de afirmá-la. Para o esboço classificatório dessa década, então, a contribuição que *Fetichismo* traz é uma certa independência entre a *Verleugnung* e desdobramentos tradicionalmente entendidos como psicóticos, sem que disso derive uma nova entidade diagnóstica. O exemplo que Freud oferece para ilustrar esta independência é bastante eloqüente em termos de classificação, mas raramente citado:

Na análise de dois jovens aprendi que ambos (...) não haviam conseguido tomar conhecimento da morte do querido pai (...) e, contudo, nenhum deles desenvolvera uma psicose. Desse modo, um fragmento de realidade, indubitavelmente importante, fora rejeitado pelo ego, tal como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas (...). A atitude que se ajustava ao desejo e a atitude que se ajustava à realidade existiam lado a lado. Num de meus dois casos, a divisão constituía a base de uma *neurose obsessiva* moderadamente grave (Freud, 1996 [1927a], p. 158-159, grifo meu).

Incidindo, assim, também sobre um outro fragmento de realidade significado de forma a gerar um conflito – a morte do pai – a *Verleugnung* passa a encontrar sua especificidade no fato de instaurar uma oscilação entre duas atitudes opostas que existem “lado a lado” – ou seja, não se influenciam mutuamente. Daí o recurso cômodo ao fetichismo, entidade oriunda da sexologia oitocentista, que comparece como a forma caricata do desdobramento de uma *Verleugnung* da castração.

A *Verleugnung* da morte já aparecera explicitamente, em textos anteriores, vinculada à religião, que a partir de 1907 é tomada como “neurose obsessiva universal” (Freud, 1996 [1907], p. 116). Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (Freud, 1996 [1915b]), a “concepção de uma vida que continua após [a] morte aparente” (Freud, 1996 [1915b], p. 304), ou até a mera “divisão do indivíduo em corpo e alma” (Ibid., p. 304), que fornecem a matéria-prima a toda sorte de crença em “existências pretéritas”, “transmigração das almas” ou “reencarnação” (Ibid., p. 305), constituem uma “negação [*Verleugnung*] da morte, (...) uma atitude ‘convencional e cultural’” (Ibid., p. 305). A relação persiste em *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1996 [1927b]), texto contemporâneo a *Fetichismo*: “a religião (...) abrange um sistema de ilusões plenas de desejo juntamente com um repúdio [*Verleugnung*] da realidade” (Freud, 1996 [1927b], p. 52).

O fato de esta divisão de atitudes poder ocasionalmente culminar em uma *neurose* e ter papel central em fenômenos culturais tão básicos e pregnantes quanto a religião desvencilha o mecanismo, enfim, não só do campo da psicose, mas de qualquer captura classificatória. Na raiz etimológica do termo, afinal, encontra-se algo bastante cotidiano, a mentira: “-*leugnen*: Da raiz indo-européia **leugh-* (mentir)” (Hanns, 1996, p. 305). É fundamental que o uso banal, ordinário do termo, na língua alemã, seja levado em conta para que se tenha noção da amplitude de seu campo semântico: por exemplo, “quando usado na forma reflexiva significa ‘mandar dizer que não se está presente’” (Hanns, 1996, p. 303).

É certo que a disseminação da *Verleugnung* em *Fetichismo* é algo tímida: permeará, no fim do texto, casos extremos (dignos de Krafft-Ebing), desde que, sendo *Verleugnung* da castração, incida também uma “forte identificação com o pai” (Freud, 1996 [1927a], p.159) que traga a “necessidade de executar a castração” (Ibid., p. 159) para o primeiro plano. Encontramos aí, no âmbito individual, o “comportamento do ‘*couper de nattes*’ [cortador de tranças]” (Ibid., p. 159) e, no âmbito cultural, o “costume chinês de mutilar o pé feminino e, depois disso, reverenciá-lo” (Ibid., p. 160).

Por outro lado, a complexificação do fetichismo, especificamente, abre desde então caminhos novos para a clínica. Uma das grandes contribuições do texto é a indicação de que algo que opera na criação de um fetiche é da mais clássica ordem do recalque, e incide, assim como a *Verleugnung*, sobre a castração:

uma aversão, que nunca se acha ausente em fetichista algum, aos órgãos genitais femininos reais, permanece um *stigma indelebile* da repressão que se efetuou (Ibid., p. 157).

Esta complexificação se esboçava já nos *Três Ensaio*s: “o que leva à substituição do objeto pelo fetiche é uma conexão simbólica de pensamentos que, na maioria das vezes, não é consciente para a pessoa” (Freud, 1996 [1905], p. 146). Em nota de 1915, ainda, sugeria que pés e sapatos se configuravam como fetiches por uma detenção da pulsão escopofílica “pela proibição e pelo recalçamento” (Ibid., p. 147, nota 1).

Em 1927 a idéia move o texto, aparecendo já no primeiro exemplo, bastante simples e, mesmo assim, considerado um caso “extraordinário” (Freud, 1996 [1927a], p. 155):

Um jovem alçou certo tipo de ‘brilho do nariz’ a uma precondição fetichista. A explicação surpreendente para isso era a de que o paciente fora criado na Inglaterra, vindo posteriormente para a Alemanha, onde esquecera sua língua materna quase completamente. O fetiche, originado de sua primeira infância, tinha de ser entendido em inglês, não em alemão. O ‘brilho do nariz’ [em alemão ‘*Glanz auf der Nase*’] era na realidade um ‘vislumbre (*glance*) do nariz’. O nariz constituía assim o fetiche, que incidentalmente, ele dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros (Ibid., p. 155).

O que era “extraordinário” no caso é que a clínica de um “fetichista”, uma personagem oitocentista caricata, pudesse começar a se desdobrar através da análise do fetiche. Este se tornava permeável à clínica na medida em que sua significação era inconsciente – Freud teve que recorrer a uma língua que o analisando “*esquecera (...)* quase completamente” para interpretá-lo. O ganho clínico dependia justamente de que se lançasse outra luz, radicalmente redescritiva, desconstrutivista até – uma que permitisse a empatia, talvez dissesse Freud –, sobre uma entidade diagnóstica marcada pelo selo da perversão.

Os textos freudianos subseqüentes que recuperam o tema, onde sua teorização volta-se principalmente para a noção de divisão do eu, só ratificam a idéia. Em 1936, por exemplo, em *Um distúrbio de memória na acrópole* (Freud, 1996 [1936]), Freud analisa, a partir de experiência própria, fenômenos afins à ‘desrealização’ (mais uma vez um termo psiquiátrico): em Atenas, diante da Acrópole, escreve,

Um pensamento surpreendente passou rápido em minha mente: ‘Então tudo isso realmente existe *mesmo*, tal como aprendemos no colégio!’ Para descrever a situação de modo mais preciso, em mim essa pessoa que expressou esse comentário estava dividida, muito mais nitidamente dividida do que em geral seria perceptível, de uma outra pessoa que tomava conhecimento do comentário; e ambas as pessoas estavam surpresas (Freud, 1996 [1936], p. 238).

Ora, este grupo de fenômenos de divisão – relacionados estreitamente a outros bastante freqüentes, como o ‘*déjà vu*’ e o falso reconhecimento – é marcado pelo mesmo mecanismo que marcara o fetichismo: “*todos eles servem ao objetivo de defesa; visam a manter algo distanciado do ego, visam a rechaçá-lo [verleugnen]*” (Ibid., p. 243).

Freud reafirma ainda este ponto de vista básico sobre os mecanismos psíquicos – que não são nunca ‘corpos estranhos’, por mais extremas que sejam as manifestações clínicas que sustentam – no capítulo VIII de seu inacabado *Esboço de psicanálise* (Freud, 1996 [1938]).

Vimos que não é cientificamente viável traçar uma linha de demarcação entre o que é psiquicamente normal e anormal, de maneira que esta distinção, apesar de sua importância prática, possui apenas um valor convencional. Estabelecemos assim um direito a chegar a uma compreensão da vida normal da mente a partir do estudo de seus distúrbios — o que não seria admissível se esses estados patológicos, as neuroses e as psicoses, tivessem causas específicas operando à maneira de corpos estranhos (Freud, 1996 [1938], p. 209).

A referência a ‘neuroses e psicoses’ como distinção diagnóstica suficiente ratifica ainda os fundamentos de seu último esboço classificatório, que permanece vigente mesmo depois de *Fetichismo* e da investigação do mecanismo da *Verleugnung*.

Em seguida, a divisão do eu, conceito a que Freud se refere como originalmente fazendo parte do campo da psicose, será estendido às neuroses, sendo esta extensão a condição do próprio interesse que possa ter o conceito:

O ponto de vista que postula que em todas as psicoses há uma *divisão do ego* (*splitting of the ego*) não poderia chamar tanta atenção se não se revelasse passível de aplicação a outros estados mais semelhantes às neuroses e, finalmente, às próprias neuroses (Ibid., p. 216).

Se apresenta então sua análise do fetichismo como exemplo, o faz sob a condição de deixar claras suas prioridades:

não se deve pensar que o fetichismo apresente um caso excepcional com referência à divisão do ego; trata-se simplesmente de um tema particularmente favorável para estudar a questão (Ibid., p. 217).

O fetichismo não é o modelo para uma estrutura diagnóstica específica caracterizada pela cisão do eu, mas simplesmente uma dinâmica – até então meramente “englobada entre as perversões” (Ibid., p. 216) – que denuncia de forma privilegiada o mecanismo universal da cisão. Afinal, seria razoável esperar que cisões se tornassem a regra num esboço classificatório dinâmico fundamentado em um conflito permanente de forças contrárias.

Os fatos desta divisão do ego (...) não são tão novos nem tão estranhos quanto podem a princípio parecer. É, na verdade, uma característica universal das neuroses que estejam presentes na vida mental do indivíduo, em relação a algum comportamento particular, duas atitudes diferentes, mutuamente contrárias e independentes uma da outra (Ibid., p. 217).

As sutilezas que diferenciam soluções específicas serão sempre, é certo, investigadas na clínica. Em termos teóricos, no entanto, por mais “essencialmente (...) topográfica” (Ibid., p. 217) que seja determinada diferença, ela será compreendida em função dos *graus* de prejuízo que acarretar aos desejos, por um lado, e às representações partilhadas de realidade, por outro.

O ponto de vista dinâmico, afinal, continua enfatizado até o fim: há que se perguntar se a diferenças topográficas ou estruturais não subjaz um conflito “essencialmente”, isto sim, dinâmico: “o resultado [de uma cisão] depende de qual das duas [atitudes contrárias] pode *apoderar-se* da maior intensidade” (Ibid., p. 217, grifo meu). Ou, ainda:

Seja o que for que o ego faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito. O resultado sempre reside em duas atitudes contrárias, das quais a derrotada, a mais fraca, não menos do que a outra, conduz a complicações psíquicas (Ibid., p. 217-218).

Esta aposta na contingência das soluções de compromisso, enfim, é o que move qualquer processo de análise, independente da captura classificatória a que pudesse estar sujeitado até então o analisando nela empenhado. Dentre estas capturas, é bem sabido hoje como fora pelo próprio Freud, ‘perversão’ é uma das mais impeditivas, o que deve certamente ao aspecto moral que encerra.

Perguntemo-nos então, a seguir, que transformações esta carga sofre, sobre que fenômenos recai, já que Freud tomou a própria moralidade como tema de análise.